



COMUNICAÇÃO: UMA HISTÓRIA DO TEMPO PASSANDO

Marialva Carlos Barbosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

marialva153@gmail.com

Resumo:

O artigo se propõe a refletir sobre a especificidade presentista dos estudos de Comunicação, mostrando que a análise de fenômenos contemporâneos constrói uma reflexão importante para perceber – passadas quatro décadas de pesquisas pós-graduandas na área – uma história de um presente contínuo em relação aos processos desenvolvidos em torno dos meios de comunicação (ou da mídia). As reflexões centram-se na análise de processos que impactam o cotidiano e as práticas sociais e culturais existentes no momento de sua análise o que faz a produção científica da área ser não sobre uma história do tempo presente, mas sobretudo uma história do tempo passando.

Palavras-chave: Comunicação; História; Tempo; Presente.

Abstract:

The article proposes to reflect on the on the special focus on the present, perceived in Communication studies, showing that the analysis of contemporary phenomena constructs an important reflection to perceive - after four decades of post-graduate research in the area - a history of a continuous present in relation to the processes developed around the means of communication (or the media). The reflections focus on the analysis of processes that impact everyday life and the social and cultural practices existing at the very moment of its analysis which makes the scientific research of the area not be about a history of the present time, but above all a history of the time as it's passing.

Keywords: Communication; History; Time; Present

Résumé:

L'article réfléchit sur la spécificité présentiste des études de communication, montrant que l'analyse des phénomènes contemporains construit une réflexion importante pour percevoir – après quatre décennies de recherches postuniversitaires – une histoire d'un présent continue en relation aux processus développés autour des médias. Les réflexions analysent des processus qui ont un impact sur la vie quotidienne et des pratiques sociales et culturelles existant au moment même de son analyse, ce qui fait que la production scientifique ne soit pas une histoire du temps présent mais surtout une histoire du temps que passe.

Mots-clés : Communication ; Histoire ; Temps ; Présent.

Resumen:

El artículo se propone a reflexionar sobre la especificidad presentista de los estudios de comunicación, mostrando que el análisis de fenómenos contemporáneos construye una reflexión importante para percibir - pasadas cuatro décadas de investigaciones post-graduandas en el área - una historia de un presente continuo en relación a los procesos desarrollados en torno a los medios de comunicación (o de los medios). Las reflexiones se centran en el análisis de procesos que impactan lo cotidiano y las prácticas sociales y culturales existentes en el momento mismo de su análisis lo que hace que la producción científica del área sea no sobre una historia del tiempo presente, sino sobre todo una historia del tiempo pasando .

Palabras clave: Comunicación; Historia; Tiempo; Presente.

Introdução

A característica mais marcante dos estudos de comunicação é abordar temas cujos objetos empíricos estão irremediavelmente atrelados a um fenômeno contemporâneo. Além disso, é uma marca também nos estudos da área a preocupação em situar esses fenômenos do tempo presente (cuja centralidade da mídia é indiscutível) numa espécie de contemporaneidade absoluta, que não estabelece nexos e vínculos nem com o passado, nem com o futuro, construindo um presente onipresente. É exatamente esta característica, ou seja, o fato de não articular o passado com o presente e o futuro, apresentando um presente “consumado no imediatismo ou quase estático ou interminável, senão eterno”, que na esteira da qualificação de François Hartog (2014, p. 38), estamos denominando presentismo.

Se fizermos uma breve análise das pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação em Comunicação nos últimos anos, é facilmente observável a supremacia de temas que dizem respeito ao ultra-contemporâneo de cada época. Só a título de ilustração, há no banco de teses e dissertações da CAPES 323 teses e dissertações defendidas entre 2007 e 2012, em referência a palavra Orkut (que pode aparecer no título, no resumo ou nas palavras-chave). A partir de 2012, na esteira do desaparecimento da plataforma, também as referências aos estudos com essa temática acabam. De 2012 a 2015 foram defendidas 136 teses e dissertações na área de Comunicação tendo como referência a palavra Twitter. Os “memes”, com 114 trabalhos de 2013 a 2106, ameaçam desbancar o campeão das abordagens o Facebook, com 1620 estudos relacionados diretamente a esta rede social, sendo que destes 251 foram desenvolvidos na Comunicação.

Como contraponto, oferecemos outro número: de 1990 a 2016, em 26 anos, 32 teses e dissertações foram defendidas na Comunicação tendo como temática a história do jornalismo. Quando acionamos como palavra-chave história da imprensa, este número embora suba um pouco mais, continua sendo irrisório diante dos modismos que dominam a área: são 59 teses e dissertações referenciando à história da imprensa¹.

Qual a razão desta preferência por processos ultra contemporâneos, por objetos empíricos que, por vezes, se esfacelam no decorrer de análises voltadas de maneira absoluta para um presentismo exacerbado?

Presentismo, presente perpétuo ou presente em ruínas?

¹Cf. . <http://bancodeteses.capes.gov.br> Acesso em 10 de outubro de 2017

Podemos fornecer uma tentativa de interpretação a partir da própria definição do que é a temática de análise da comunicação: não necessariamente os meios e a produção midiática, mas as vinculações que se criam cotidianamente no mundo da vida nos processos contemporâneos mediados, sobretudo, pela comunicação (o *bios* midiático, tal como definido por Muniz Sodré²). Assim, a explicação e a interpretação sobre os processos em curso são quase que obrigatoriamente uma reflexão em torno do comunicacional. Ou seja, estamos afirmando que a centralidade da comunicação nos processos humanos na contemporaneidade instaura o comunicacional como prioritário para analisar e interpretar as ações humanas nesse presente sem tréguas e sem fim que caracteriza a temporalidade existencial do mundo. Por outro lado, a exacerbação do olhar sobre o presente deve considerar igualmente a forma como se vive a temporalidade, em que a experiência contemporânea do tempo se caracteriza pelo esfacelamento da articulação entre passado, presente e futuro, o que resulta num regime de historicidade marcado pela crise do tempo (HARTOG, 2014).

Como enfatiza François Hartog, a produção do tempo histórico parece estar suspensa, o que faz com que a experiência temporal contemporânea seja marcada por um presente perpétuo, “inacessível e quase imóvel que busca, apesar de tudo, produzir para si mesmo o seu próprio tempo histórico (2014, p. 39). É como se não houvesse nada mais do que o presente. E é exatamente esse momento e a correspondente experiência do tempo que o historiador designa “presentismo”.

Esta configuração particular do tempo que evidencia um sentido dominante como se vive a duração, para alguns autores (BASCHET, 2001), tem como ponto inflexivo o final dos anos 80 do século passado, quando se configura a dominação de um “presente perpétuo”, que encobre o conhecimento crítico do passado e, ao mesmo tempo, obscurece as perspectivas de futuro. O presente perpétuo pressupõe uma nova relação entre campo de experiência e horizonte de expectativa (KOSSELECK, 2006), uma vez que o futuro torna-se conhecido por antecipação, ao mesmo tempo em que o passado também se inclui de forma emblemática no presente. Não é que desapareçam as referências ao passado e ao futuro: elas são construídas sobre novas bases. Assim, o presente perpétuo para Jérôme Baschet (2001, p. 56) seria “precisamente o polo de atração comum que faz sentir seus efeitos tanto sobre o passado como sobre o futuro, conduzindo a um desaparecimento do horizonte de expectativa e a uma imobilização no próprio presente, idealizado por um lado, distorcido por outro”. Em torno da ampliação do memorável, celebra-se o passado, por vezes de maneira exacerbada (e

²Sobre o tema cf. SODRÉ, 2014 e 2011.

mercantilizável), mas sobretudo com um sentido claramente político, que passa a servir à construção de figurações importantes para e no presente.

Por outro lado, a instantaneidade e o imediatismo instauram a ditadura dos tempos breves e dos ritmos sincopados. Cria-se uma negação do tempo que passa e uma interdição ao envelhecimento, numa ditadura do tempo presente que governa os sentidos e as práticas comunicacionais e informacionais. Impõe-se um presente eterno, feito de instantes efêmeros que destacam invariavelmente a ilusão de novidade, substituída no instante seguinte e numa rapidez estonteante, num cenário cujo gesto substituível se repete inúmeras vezes. “O regime do presente perpétuo convém à lógica econômica do mercado e do proveito, e aos discursos amnésicos e míopes que os acompanham” (BASCHET, 2001, p. 69). Para Baschet parece evidente a relação entre imobilização no presente perpétuo e aceleração dos ritmos das atividades e da vida.

Assim, o idêntico aparece revestido de uma imagem inovadora, quando a rigor reinstauram-se processos já conhecidos (o mesmo do mesmo). A vitalidade, por outro lado, impede o futuro como expectativa e a instauração de uma visão histórica de mundo. O presente perpétuo não admite projetos futuros.

Para este mundo marcado por imagens, simulacros e reconstituições improváveis que querem apagar as marcas do passado, e no qual os “destroços não têm tempo de se tornarem ruínas”, Marc Augé propõe a utilização do epíteto “ruínas” (2003, p.10). Uma espécie de tempo puro, não datado, que só em aparência estabelece vínculos com o passado e que não constrói projetos em direção a uma expectativa de futuro.

Essa apropriação temporal do presente trás consequências não apenas na maneira como se vive a duração, mas na própria percepção do sentido de mundo construído na contemporaneidade. Trás marcas indeléveis também para a interpretação histórica, mas, sobretudo para um campo de conhecimento, a Comunicação, que pretende interpretar processos que estão em curso num mundo governado pela centralidade comunicacional.

As temáticas e as problemáticas no âmbito desses estudos enfocam, assim, processos inacabados de um tempo ultra-veloz que coloca em cena, sem cessar, novos cenários que sob a égide de transformações tecnológicas prefiguram um novo tempo, mas que, a rigor, repete lógicas culturais, políticas e econômicas de momentos imediatamente precedentes. Exige-se que se viva a transformação a cada instante, quando a rigor os aparatos que são apresentados fazem parte de uma mesma cadeia de significação que referenda a ultra-velocidade e a instantaneidade, que não permitem pausas e reflexões capazes de produzir interpretações

duradouras sobre esse tempo que, sem outro qualificativo melhor, denominamos contemporâneo.

São, portanto, estes processos inacabados que são prioritariamente objetos de análise da comunicação. E, assim, o estudo do passado ou dos processos comunicacionais localizados para além do presente são relegados a uma posição secundária.

Só a título de exemplo apresentamos um breve diagnóstico desse esquecimento em relação ao passado e aos processos históricos que envelopam o mundo comunicacional. Nos 44 programas de pós-graduação na área de Comunicação, as 91 teses/dissertações tendo como referência aspectos históricos relacionados à imprensa de maneira ampla, concentram-se, sobretudo, na primeira década do século XXI (43). De 1990 a 1999, apenas 9 estudos sobre a temática foram realizados nas pós-graduações da área e na última década (2010-2016) esse número chegou a 34 produções. Comparativamente, observamos que na grande área de concentração Comunicação desde a década de 1990 registram-se a defesa de mais de 35 mil trabalhos³.

Portanto, não é difícil constatar que, em sua quase totalidade, estes estudos enfocam processos e práticas comunicacionais/culturais inscritas nesse presente perpétuo, debruçando-se na análise e na interpretação de conjunturas que consideram uma absolutização do tempo. Instaure-se o que estamos denominando um tempo passando.

Um tempo passando: o olhar comunicacional sobre as teias temporais

Ao marcar como ponto central a inclusão de um presente absoluto, os estudos comunicacionais procuram interpretar as transformações ocorridas a partir de três instantaneidades: o agora mesmo, o agora e o estando agora (HELLER, 1993).

Assim, o passado que já terminou e seria único (os tempos idos) não fornece inflexões possíveis para uma narrativa que torna apenas possível o presente. O que aconteceu seria somente aquilo que se desenvolve agora, ou melhor no agora mesmo, da mesma forma que a dimensão de futuro como algo realizado se institui também nesse tempo presente que inclui o que está passando para trás (presente-passado) e também o que está passando para frente (presente-futuro).

A temporalização do presente contida nas premissas do olhar comunicacional caracteriza-se pelo agora mesmo, isto é, percebe a ação humana, sobretudo, num tempo presente que passa durando. É este tempo durando, ou tempo passando, que se transforma

³ Cf. <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/> Acesso em 1 de outubro de 2017.

numa categoria teórica fundamental para compreender os processos inacabados, mas que indicam, ao mesmo tempo, a ação comum, a conjuntividade tal como conceituada por Agnes Heller (1993), ou aquilo que Muniz Sodré (2014) denomina “o comum humano”, aspecto metodológico fundamental para a compreensão do comunicacional.

Esta escolha teórica, no nosso entendimento, é resultado da formulação de um novo regime de historicidade (HARTOG, 2014) vivido na contemporaneidade, centrado no presente absoluto, como já enfatizamos. Diante de um mundo sem projeto futuro e da vivência da indistinção dos tempos (é possível observar, sem muito esforço, o embaralhamento do tempo do trabalho, do lazer, do ócio, por exemplo) qualquer instante se transforma em tempos de frenesi que duram continuamente.

As tecnologias de comunicação e a velocidade como as informações circulam – abolindo a duração, numa cadeia temporal de substituição constante de acontecimentos que dão visibilidade às agruras do mundo – produzem outra temporalidade, modificando radicalmente a experiência. Há o tempo onde todos devem estar conectados, quando todos podem ser alcançados sem demora, o tempo real, que abole prazos, que instaura também tempos mortos (do ócio e do lazer). Emerge o tempo sem intervalo, fluido, numa espécie de eterno presente.

A experiência do tempo na contemporaneidade coloca em destaque o ininterrupto. Não havendo duração precisa, tudo passa a durar eternamente. Dilui-se a fronteira do presente com o futuro, e o passado quando emerge também não tem espessura e, mais do que isso, passa a ser também incluído no presente. Vive-se o eterno presente, numa espécie de desrealização do tempo (BARBOSA, 2017).

Esta mesma expressão temporal pode ser detectada nas narrativas midiáticas, que apresentam o tempo novo governado pela lógica do ininterrupto. É o tempo do fluxo que se impõe no ambiente online, impedindo a pausa necessária para a reflexão. Diante do fluxo de informações que frequentam as telas de nosso cotidiano digital, em narrativas fluidas e voláteis, parece haver uma conexão entre esses formatos e a maneira como se produz a experiência do tempo. Na profusão de imagens e informações presentes nas telas digitais, o tempo midiático apresenta-se marcado pela aceleração (BARBOSA, 2017).

Tudo isso tem reflexo direto na articulação temporal que emerge dos meios de comunicação, que pode ser qualificada como tempo midiático (BARBOSA, 2007 e 2017). O passado aparece caracterizado de maneira particular, já que nesse tempo sem espessura é

preciso ter a ilusão de preservá-lo, uma vez que sem memória espontânea torna-se necessário registrar a própria vida presente em profusão e lembrar o passado em momentos precisos.

Por outro lado, no processo de reconstrução do passado como história, os meios de comunicação exercem papel estratégico, na medida em que se apregoam como produtores de uma história imediata e reconstrutores da integralidade deste passado. Mas, como já enfatizamos anteriormente, também cabe às mídias de maneira geral a reprodução da aceleração exponencial do tempo. As mídias digitais com suas plataformas de inserção dos acontecimentos contemporâneos numa atualização incessante constroem a aceleração como parte de um cotidiano que se espalha de maneira unívoca pela sociedade (BARBOSA, 2017).

Nos tempos midiáticos temos, portanto, ao lado da construção desse presente estendido, que inclui o futuro, um uso particular do passado. Por outro lado, há que se considerar que essas narrativas, no caso das mídias tradicionais, já possuem um desejo de futuro e são reconstruídas visando sua reutilização em outro momento. São produzidas como arquivos da e para a história.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à visão de história adotada pelos meios de comunicação, na qual a ideia de recuperação de um passado verdadeiro se sobressai. Dependente dessa visão de verdade inquestionável, produzem um discurso sobre o passado repleto da essencialidade histórica. Dai a repetição sistemática daquilo que foi fixado pelos próprios meios no passado como verdade histórica no presente. Referendam o passado verdadeiro construído pelos próprios meios de comunicação e reinserem novamente essas narrativas na cena pública. As retrospectivas, as efemérides, em jogos de lembrança e esquecimento, reproduzem um sentido de passado supra-histórico no qual se sobressai o valor de verdade.

Mas a narrativa midiática também se inscreve no tempo por obedecer a uma temporalidade construída, na qual ordem, duração e frequência são as constantes. Cada programa televisivo, por exemplo, segue uma ordem preestabelecida, dura certo número de minutos e é exibido numa frequência que se repete. Transformar o tempo abstrato em concreto é dar materialidade ao tempo (BARBOSA, 2007). Por outro lado, observamos, cada vez mais, a emergência de emissões que antecipam, através das possibilidades digitais, o próprio tempo de emissão. Na aceleração do mundo contemporâneo, as estreias são antecipadas nos aplicativos disponíveis para os dispositivos móveis e abre-se a possibilidade de escolha do tempo da assistência, que pode ver seriados e outros programas antes mesmo de sua estreia ou numa sequencialidade ao sabor dos gostos e das possibilidades de uma vida

marcada por novos fluxos. O tempo da transmissão transforma-se no tempo da escolha narrativa do telespectador que, diante da multiplicidade de telas, inclui a profusão de imagens, produzindo a saturação do olhar. Por outro lado, no *fastfood* da difusão da vida via mídias digitais não há mais tempo para a pausa e para a reflexão. Instaure-se pelo modo narrativo um futuro inserido num presente que não cessa de se atualizar.

A inclusão do olhar histórico

O predomínio das reflexões centradas no presente estendido, tal como enfatizamos nos itens anteriores, torna possível construir uma história da comunicação do tempo presente a partir da possibilidade de síntese emanada dos estudos realizados nos últimos anos. Entretanto, observa-se também a proeminência dos particularismos nessas análises. Assim, a construção de uma história da comunicação do tempo presente enseja primeiramente um esforço de síntese, para que se possa passar da visão particular às generalizações.

Entretanto, como toda história do tempo presente⁴ também uma história da comunicação construída a partir desta escolha tem limites e peculiaridades que devem ser consideradas: a noção de testemunho; a questão da subjetividade do pesquisador; o amálgama entre tempo de vivência e tempo da análise; a transposição do memorável como possibilidade de documentação.

Roger Chartier (1993) afirma que o fato de o pesquisador ser contemporâneo de seu objeto faz com que divida com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Com isso, amálgama-se o tempo presente em tempo de vivência e de pesquisa.

Mas essa falta de distância longe de ser um inconveniente pode ser vista de modo positivo já que a concomitância pode representar um melhor entendimento da realidade estudada, “de maneira a superar a descontinuidade fundamental que separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história” (CHARTIER, 1993, p. 23).

⁴ Em meio às transformações das pesquisas históricas desde as últimas décadas do século XX, a abordagem histórica do tempo presente foi ganhando não só adeptos como formuladores conceituais que passaram a considerar nas abordagens históricas a possibilidade de vislumbrar processos ocorridos no breve tempo do presente. Em meio a propostas que aceitavam e valoravam o testemunho direto, passou-se a considerá-lo como fonte privilegiada de análise deixando margens para o estudo do século XX e observando a emergência da noção de história do tempo presente. As expressões que acompanharam essas reflexões (*contemporaryhistory*, *histoire dutempsprésent*, *Zeitgeschichte*) entraram no vocabulário dos historiadores após a II Guerra Mundial (FERREIRA, 2000, p. 119), assistindo-se paralelamente a convergência de escolas históricas na França. Abria-se assim caminho para explorar as rupturas e transições de uma história recente. Apesar das críticas que sofreu, a história do tempo presente ganhou adeptos, elegendo temáticas que marcaram rupturas expressivas do século XX (II Guerra Mundial, a queda do mundo comunista, etc.).

Entretanto não podemos deixar de apontar que tentar explicar um mundo no qual estamos imersos e do qual somos partes integrantes é profundamente difícil (ROUSSO, 2001). Fazer a história do tempo presente é fazer uma história que investiga o nosso próprio tempo e com uma memória que pode ser a nossa.

Eric Hobsbawm acrescenta que nessa história contemporânea inscrevemos experiências que são, de fato, as nossas experiências. Isso porque todo historiador tem sua própria vida e é deste lugar que observa o mundo. Assim, ainda que tenhamos compartilhado com outros estudiosos períodos de vida análogos, o ponto de vista de cada um é diferente: a experiência pessoal modela a forma como vemos a história. Para ele também a diferença entre gerações é suficiente para “dividir os seres humanos” (2010, p. 196-198).

Mas há a vantagem de ser portador de um discurso sobre o passado imediato, sabendo-se, nesse caso, o grau de transformação que as coisas sofreram e quem viveu essas mudanças não as considera como se fossem algo absolutamente normal. “As pessoas com idade suficiente para se recordarem de outras coisas não vêem as mudanças ocorridas como se fossem a coisa mais natural do mundo” (2010, p. 201). Fazer a história do tempo presente (BÉDARIDA, 1998) é considerar o presente vivido como passado, percebendo-o como algo que está passando e as diferenças que enseja em relação ao momento mais contemporâneo. Nesse caso, o que será analisado é a alteridade do presente passado.

Para a construção dessa história dos processos comunicacionais localizados no presente estendido, estamos considerando o estabelecimento de um marco inicial – a década de 1980 – e momentos axiais de transformação destes processos que foram fundamentais para a construção do mundo comunicacional em que vivemos.

A escolha do ponto de partida se dá por diversos motivos. O primeiro diz respeito ao início mais vertiginoso de uma transformação tecnológica, que ainda está em curso nos meios de comunicação, e que daria a impressão generalizada da construção de um mundo amalgamado sob a égide de uma globalidade particular, graças a expansão das tecnologias da informática e da popularização das redes mundiais de computadores. A possibilidade de suprimir espaços, tornando simbolicamente (e apenas simbolicamente) o mundo mais próximo, torna possível, pelo menos em tese, o velho sonho de estar em todos os lugares, ao mesmo tempo.

Por outro lado, o tempo ganhou outras dimensões. O tempo mundo aquele que dá a impressão de conectar a todos num mesmo presente, passa a ser o dominante nos mercados financeiros e no mundo da comunicação. O tempo real, por exemplo, aparece na cena jornalística como

ultra-atualidade, em que se tem a impressão que não existe nenhuma decalagem nos minutos que nos acompanham.

Para que esse mundo transformasse numa velocidade estonteante uma série de acontecimentos a partir dos anos 1980 foi fundamental: a transformação da configuração política do mundo pós-queda do muro de Berlim; o reordenamento das forças políticas quando não mais se dividia o mundo em dois blocos liderados pelo socialismo ou pelo capitalismo; a eclosão das tecnologias de comunicação que construíram novas ordens mundiais para a informação; a transformação da economia global do planeta a partir das mudanças no sistema financeiro mundial, criando uma nova fase do capitalismo, caracterizada pela imaterialidade da produção e pela construção de grandes sistemas econômicos em termos planetários.

Por outro lado, foi a partir da década de 1980/90 que se observou a primeira (e ainda tímida) expansão dos cursos de Pós-graduação em Comunicação⁵, o que ajuda a mapear a construção histórica da pesquisa pós-graduada na área para identificar as transformações dos processos comunicacionais.

Num mundo governado pela comunicação, em que como diagnostica Francisco Rüdiger “redes e conexões” são mais eficientes “para dar conta das relações entre seres humanos”, do que o arcaico conceito de sociedade (2007); em que, como enfatiza Muniz Sodré (2011), as “práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida” (*bios midiático*); em que a direção tecnológica do mundo instaura o pensamento comunicacional como o de uma era, a comunicação é marcada pelo esforço propulsor de interpretar de fenômenos do tempo passando.

Mas, paralelo a este movimento, há que se perceber também que olhar tem sido dominante nos estudos que claramente elegem os pressupostos históricos como centro reflexivo das análises.

Apresentaremos brevemente uma síntese desses caminhos que vêm sendo adotados pelas pesquisas na comunicação. Faremos mais detalhadamente referência aos estudos

⁵ O primeiro curso de pós-graduação em Comunicação no Brasil foi o da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1972), seguido da criação da pós-graduação a nível mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade de São Paulo (USP). Na década de 1990 houve a primeira expansão das pós-graduações em comunicação, com a criação dos cursos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 1996 existiam 10 programas de pós-graduações em comunicação no Brasil, em 2006 este número subiu para 22 e em 2016 chegou a 44 programas. Cf. Comunicação e Informação. Relatório pós CTC. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Diretoria de Avaliação. Relatório de Avaliação 2013-2016. Quadrienal 2017.

realizados no âmbito da História enfocando à imprensa de maneira geral e o jornalismo de maneira mais específica.

Uma história peculiar

Analisando os dados oferecidos pelo Banco de Teses e Dissertações da Capes, quantificamos as teses e dissertações que tem como centro reflexivo a história do jornalismo e da imprensa e chegamos a um total de 217 pesquisas realizadas de 1990 a 2016, em todas as áreas de conhecimento. Desse total, há 70 teses e dissertações que foram desenvolvidas na área da História e 91 na Comunicação⁶.

De maneira bem genérica, podemos dizer que os trabalhos realizados na Comunicação passaram nos últimos anos a considerar os processos históricos para explicar fenômenos comunicacionais não necessariamente localizados no passado. Assim, ainda que tenham decrescido os estudos que focalizavam um ou mais periódicos, num período histórico de um tempo passado claramente demarcado, cresceram as análises que consideram como fundamentais questões como a temporalidade nas mídias; o estatuto do moderno na imprensa; os fundamentos históricos percebidos numa longa duração para a construção, por exemplo, do campo jornalístico; os circuitos de comunicação diferenciados do interior em relação aos grandes centros; a dinâmica das vidas individuais na relação com o estabelecimento de circuitos comunicacionais; a análise retórica das vozes do passado; a escolha de momentos axiais das processualidades históricas para perceber rupturas e continuidades, entre outras categorias da historicidade utilizadas de maneira propositiva para analisar fenômenos da imprensa⁷.

Já no que diz respeito às teses e dissertações da História, observamos o predomínio da utilização dos periódicos para refletir sobre processos históricos mais amplos, sendo a maioria das vezes a imprensa utilizada como um dos contextos de uma realidade mais abrangente e mais complexa.

Observa-se também a emergência do uso dos periódicos para a construção de uma história da cultura ou cultural, havendo um certo abandono do paradigma político como central nas análises. Por outro lado, há que se remarcar uma certa timidez em considerar a

⁶ Em terceiro lugar nessa quantificação está Letras/Linguística, com 32 trabalhos, 9 trabalhos na Educação, 3 na Sociologia, 5 em áreas interdisciplinares e 1 trabalho em cada uma das áreas elencadas a seguir: Direito, Música, Ciência da informação, Relações Internacionais, Filologia, Educação Física e Arquitetura.

⁷ Entre estas abordagens destacam-se as teses de BERTOL (2016), SANTOS (2016), MATHEUS (2010), LOPES (2012), REIMBERG (2015) e JACOME (2017). Para uma caracterização mais completa dos trabalhos da comunicação cf. BARBOSA (2017b). Neste artigo não nos deteremos nas teses da Comunicação por terem sido já alvo de um exame mais minucioso em outro trabalho a ser publicado brevemente.

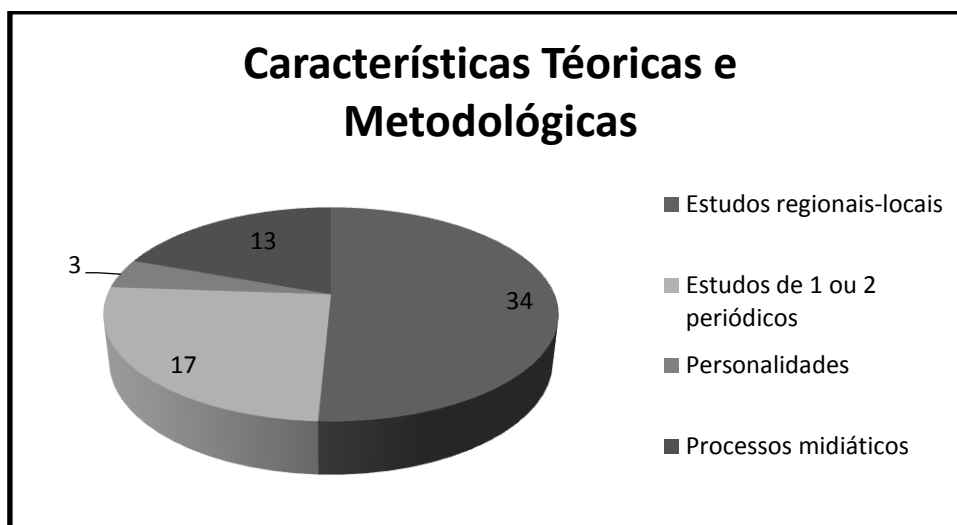
centralidade dos processos midiáticos como históricos ou dos periódicos como centrais na problemática da pesquisa.

Das 70 teses e dissertações defendidas na área de História, de 1990 a 2016, que enfocam a imprensa, a maioria utiliza os periódicos como mediação para a reflexão sobre um contexto cultural ou político, havendo também a supremacia de estudos de natureza particularista, restrito a uma cidade ou no máximo a uma região. Ainda que nos últimos anos apareçam reflexões sobre a imprensa da Região Norte, há ainda o predomínio das análises que tomam como espacialidade dominante o Rio de Janeiro e São Paulo.

No que diz respeito aos períodos analisados, as transformações políticas e culturais espelhadas na ou através da imprensa ocorridas ao longo do século XIX dominam a reflexões, ainda que nos últimos anos possa ser observada a emergência de vários momentos conjunturais do século XX, como a década de 20, o Estado Novo (1937-1945), o segundo Governo Vargas (1950-1954), o período da ditadura militar instaurado em 1964 ou até mesmo momentos mais contemporâneos narrados pelas revistas *Veja*, *IstoÉ* (1974-1988) ou *Caros Amigos* (1997-2006).

Analisando essas produções, observamos que 39 refletem sobre processos relacionados à imprensa de maneira mais específica, se constituindo, de fato, em estudos sobre história da imprensa. E entre estas apenas 9 podem ser consideradas em maior ou menor escala (já que algumas vezes particularizam os processos a um território de análise) obras de síntese históricas (cf. Anexo I)⁸.

⁸Para as 39 produções que refletem processos relacionados à imprensa de maneira mais específica, cf. no Anexo I as que estão sombreadas em cinza. Para as que foram consideradas obras de síntese histórica, cf. no Anexo I as que estão sombreadas em verde. A análise das 91 teses de Comunicação foram objeto de outro artigo a ser publicado em breve.



Teses e dissertações da área de História (1990-2016) sobre história da imprensa.
Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES

No gráfico anterior, observamos que apesar de os processos midiáticos serem objetos de questões teóricas e metodológicas, havendo de fato um redirecionamento dos estudos para a análise dos jornais/revistas em diversos períodos, há ainda a supremacia de pesquisas que dizem respeito a uma região, a uma cidade, a um estado, como já foi referido. Isso, se por um lado indica a pouca expressividade de estudos mais genéricos e que se constituam, de fato, em obras de síntese, por outro mostra a inclusão de reflexões de espaços sociais até bem pouco tempo não considerados (Região Norte, Região Sul, Região Centro-Oeste, por exemplo). Sobressai também na quantificação a particularização dos estudos em torno de um ou dois periódicos, indicando a inexistência de estudos comparativos e, mais do que isso, de reflexões mais holísticas que reflitam sobre as possibilidades comunicacionais em determinado momento histórico. Como ponto positivo, observa-se a queda acentuada dos estudos particularistas, destacando personalidades emblemas da imprensa (3), e o aumento daqueles que enfocam claramente os processos midiáticos no que diz respeito a sua produção e efetivação tempo-espacial (13).

Considerações Finais

Ainda que os estudos históricos sobre a imprensa tenham tido um considerável avanço numérico e teórico nos últimos anos, observa-se, no que diz respeito especificamente às produções realizadas no âmbito da História, a supremacia de trabalhos que consideram a imprensa em cada período como portadora de significados sobre o mundo e a produção bem menos expressiva de trabalhos que verdadeiramente se debruçam sobre os processos

mediáticos de forma a proceder, de fato, a uma reflexão histórica sobre a imprensa e não apenas a partir da imprensa.

Por outro lado, a emergência de temáticas cada vez mais concentradas no contemporâneo, também no que diz respeito aos estudos que enfocam especificamente a imprensa no âmbito das pesquisas pós-graduandas em História, mostra cabalmente não apenas a eclosão de problemáticas relacionadas diretamente ao tempo presente, mas sobretudo como os processos temporais que encharcam o nosso cotidiano se refletem nas escolhas interpretativas realizadas.

Mesmo na História cuja especificidade narrativa diz respeito ao passado, tendo total *representância* (RICOUER, 1997) para dele falar, instituindo uma verdade indelével, baseada na outorga amplamente reconhecida para produzir um discurso sobre os tempos idos (a *lugar tenência* de que fala Paul Ricoeur (1997), o aflorar de tempos mais contemporâneos no que diz respeito à análise dos processos midiáticos parece indicar que a aceleração temporal aonde nos movemos comprime o passado cada vez mais.

Observa-se também a supremacia das pesquisas que fazem das teias discursivas aspecto fundamental para a análise, quando a temática recai sobre a historicidade dos processos realizados no âmbito da imprensa. Num tempo de aceleração exponencial em que se observa o esgarçamento dos vínculos entre o passado, o presente e o futuro, as discursividades do passado parecem indicar a sua realidade histórica e também a distinção fundamental entre o tempo de movência contemporâneo e o tempo da história, num passado que se supõe fixado nas tramas discursivas da imprensa.

Referências Bibliográficas.

- AUGÉ, Marc. **Lestempesen ruines**. Paris: Galilée, 2003.
- BARBOSA, M. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EDUFF, 2007.
- BARBOSA, Marialva. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS; Herom e NICOLAU, Marcos (org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BARBOSA, Marialva. **Uma história da imprensa (e do jornalismo)**. O texto e o contexto na perspectiva historiográfica e metodológica. Palestra realizada no XV Congresso da Associação Espanhola de Historiadores da Comunicação, na Universidade do Porto, Portugal, em setembro de 2017b.
- BASCHET, Jérôme. L’histoire face au présent perpétuel, quelques remarques sur la relation passé/futur. In: HARTOG, François; REVEL, Jacques (Dir.). **Les usages politiques du passé**. Paris: EHESS, 2001.
- BÉDARIDA, François. **As responsabilidades do historiador esperto**. In: BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (orgs). **Passados recompostos – campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.
- BERTOL, Rachel Domingues. **A crítica literária em circuitos jornalísticos**: José Veríssimo na imprensa da belle époque carioca. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ, 2016.
- CHARTIER, Roger. **Leregard d’un historien moderniste**. In: INSTITUT d’Histoire du Temps Présent. **Ecrire l’histoire du temps présent**. Paris, CNRS Editions, 1993.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História do tempo presente: desafios”. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HELLER, Agnes. **Uma teoria da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HOBSBAWM, Eric. **O sentido do passado**. Ensaios sobre a história. Lisboa: Relógio d’Água, 2010.
- JACOME, Phellipy Pereira. **O jornalismo como singular coletivo**: reflexões sobre a historicidade de um fenômeno moderno. Tese de Doutorado em Comunicação, UFMG, 2017.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.
- LOPES, Fernanda Lima. **Jornalista por canudo**. O diploma e o curso superior na construção da identidade jornalística. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ, 2012.
- MATHEUS, Letícia Cantarella. **Comunicação, tempo e história**. Tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Tese de Doutorado em Comunicação, UFF, 2010.
- REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. Tese de Doutorado em Comunicação, ECA-USP, 2015.
- RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa III**. Campinas: Papyrus, 1997.
- ROUSSO, Henry. **Vichy**: L’événement, la mémoire, l’histoire. Paris: Gallimard, 2001.
- RÜDIGER, F. “A comunicação no saber pós-moderno: crítica, episteme e epistemologia”. In: FERREIRA, Jairo (org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- SANTOS, Andrea. **Travessias comunicacionais de um tipógrafo jornalista**: José Diamantino de Assis e as tessituras do moderno. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ, 2016.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2011.

Anexo I

Teses e Dissertações de História sobre História da Imprensa/Jornalismo⁹

Ano/Instituição	Trabalho	Autor	M/D
1. 1990/UFRJ	Sentinela da Liberdade: presença de Cipriano Barata no Processo de Independência do Brasil.	MOREL, MARCO	M
2. 1992/UFF	Operários do Pensamento. Visão de Mundo dos Tipógrafos no Rio de Janeiro (1880-1920)	BARBOSA, MARIALVA	M
3. 1996/UFF	Imprensa, poder e público: os Diários do Rio de Janeiro (1880-1920).	BARBOSA, MARIALVA	D
4. 1996/UFF	Visões e Vozes – O Governo Goulart nas páginas da Tribuna da Imprensa e Última Hora.	CAMPOS, FATIMA CRISTINA GONÇALVES	M
5. 1996/USP	A "Revista do Brasil": um diagnóstico para a (N) ação	LUCA, TANIA REGINA DE	D
6. 1997/UFRJ	Jornalismo de insultos	Lustosa, Isabel	D
7. 1997/USP	A cidade na primeira república: Imprensa, política e poder em Piracicaba.	TERCI, ELIANA TADEU	D
8. 1998/PUCRS	O Correio do Povo e o Diário de Notícias e as Estratégias de Utilização das Imagens de Getúlio Vargas (1950-1954)	Steffens, Marcelo Hornos	M
9. 1998/USP	Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república. 1890-1920	Oliveira, Ana Luiza Martins Camargo	D
10. 2000/UNESP	MULHER EM REVISTA: REPRESENTAÇÕES SOBRE O FEMININO NAS REVISTAS PAULISTANAS "O PIRRALHO" E "A CIGARRA" (1914-1918)	AZEVEDO, LILIAN HENRIQUE DE	M
11. 2002/PUCRJ	Sexo, crime e sindicato: sensacionalismo e populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática durante o segundo governo Vargas (1951-1954)	Siqueira, Carla Vieira de	D
12. 2003/UFRJ	A arqueologia da modernidade: fotografia, cidade e indivíduo em "Fon-Fon!", "Selecta", e "Para Todos..." (1907-1930)	OLIVEIRA, CLAUDIA MARIA SILVA	D
13. 2003/USP	Preso por trocadilho. A imprensa de narrativa irreverente paulistana de 1900 a 1911	Janovitch, Paula Ester	D
14. 2004/PUCSP	Humor e Sátira: O Cabrião no Quotidiano da Cidade de São Paulo: 1866/1867	SILVA, FLÁVIO	M

⁹ Os 39 trabalhos sombreados em cinza e verde foram considerados, de fato, trabalhos sobre os processos históricos da imprensa, ainda que adotando as mais diversas perspectivas. Os sombreados apenas em verde foram considerados obras de síntese histórica. O quadro foi construído tomando como referência o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e estamos cientes de possíveis falhas, com a não inclusão de estudos que possam ter sido realizados nos Programas de Pós-Graduação em História. Para uma análise fiel deveríamos ter pesquisado junto aos programas, mas o objetivo do levantamento foi tão somente observar algumas tendências mais gerais que o quadro permite concluir.

15. 2005/UNESP	Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945)	GARCIA, SHEILA NASCIMENTO	M
16. 2006/PUCSP	São Paulo aprende a rir: A imprensa humorística entre 1839-1876	Gallotta, Brás Ciro	D
17. 2006/Severino Sombra	POR SER VOZ PÚBLICA”: intrigas, debates e pensamento político na imprensa mineira Vila de São João d’El-Rei (1827-1829) ()	Silva, Rodrigo Fialho	M
18. 2006/UERJ	JB: UMA RELEITURA DO “POPULARÍSSIMO”	Schubsky, Cecília de Miranda	M
19. 2006/UFF	A Guerra Ilustrada: caricaturas em combate no Segundo Reinado'	Oliveira, Michelle Silva de	M
20. 2006/UFPR	O IMPÉRIO DAS CARAPUÇAS. Espaço público e periodismo político no tempo das regências (1832-1842)	FELDMAN, ARIEL	M
21. 2006/USP	Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da corte à capital federal (1864-1910)	Oliveira, Gilberto Maringoni de	D
22. 2006/USP	Seleções do Reader'sDigest, 1954-1964: um mapa da intolerância política	Pereira, Silvio Luiz Gonçalves	D
23. 2007/UERJ	A imprensa nacionalista no Brasil: o periódico 'O Seminário' (1956-1964).	Brito, Leonardo Leonidas de	M
24. 2007/UFES	Ordem e progresso – A imprensa da Zona da Mata Mineira na década de 1920	Carvalho, Daniela Corrêa e Castro de	M
25. 2008/PUCSP	Imprensa, ditadura e democracia	PIRES, ELAINE NUNIZ	M
26. 2008/UERJ	Impressão, Sociabilidades e Poder: Três faces da tipografia do Diário na Corte do Rio de Janeiro	Pires, Myriam Paula Barboza	M
27. 2008/UERJ	A imprensa da Corte nos anos de 1860 a 1870. Um estudo comparativo dos jornais Opinião Liberal e A Reforma.	Dias, Vera de Oliveira	M
28. 2008/USP	Um provinciano na corte: As aventuras de "Nhô-Quim" e a sociedade do Rio de Janeiro nos anos 1860-1870	Augusto, José Carlos.	M
29. 2009/UERJ	A Batalha Eleitoral de 1910: Imprensa e Cultura Política na Primeira República	Borges, Vera Lúcia Bógea	D
30. 2009/UFRJ	PASQUINS: SUBMUNDO DA IMPRENSA NA CORTE IMPERIAL (1880-1883)	ARAÚJO, RODRIGO CARDOSO SOARES DE	M
31. 2009/UNESP	A REVISTA "CAROS AMIGOS" (1997-2006) E OS GOVERNOS FHC E LULA: Nova imprensa alternativa, política e publicidade	FIORUCCI, RODOLFO	M
32. 2009/USP	Catálogo de incunáveis da biblioteca vinária de Juan Carlos Reppucci'	Giordano, Patrícia de Almeida	M
33. 2010/UFAM	A IMPRENSA AMAZONENSE: DOS PREPARATIVOS DO GOLPE À INSTITUIÇÃO DO AI-5 (1963-1968)	Bezerra, Cleber de Lima	M
34. 2010/UFF	O Revérbero Constitucional Fluminense, constitucionalismo e imprensa no Rio de Janeiro na independência	Silva, Virgínia Rodrigues da	M
35. 2010/UFF	"AO PÚBLICO SINCERO E IMPARCIAL" Imprensa e Independência do Maranhão (1821-1826)	Galves, Marcelo Cheche	D
36. 2010/UFRRJ	Francisco de Paula Brito: Tipografia, Imprensa, Política e Sociabilidade	Caldeira, Cláudia Adriana Alves	M
37. 2010/UNESP	CALEIDOSCÓPIO POLÍTICO: AS REPRESENTAÇÕES DO CENÁRIO	COSTA, ALEXANDRE	M

	INTERNACIONAL NAS PÁGINAS DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO (1938-1945)	ANDRADE DA	
38. 2010/UNESP	Ciência, técnica e periodismo no Rio de Janeiro (1808-1852)	Silva, César Agenor Fernandes	D
39. 2010/UNESP	UM BRINDE AOS ASSINANTES!: Os Almanques do jornal O Estado de S. Paulo (1896, 1916, 1940)	TRIZOTTI, PATRÍCIA TRINDADE	M
40. 2011/UERJ	Nas Minas...por entre "typos", jornais e tintas: sociabilidade impressa e debate político na Província das Gerais (1823-1831)	Silva, Rodrigo Fialho	D
41. 2011/UFC	O DIÁRIO DO NORDESTE SOBRE A ADMINISTRAÇÃO POPULAR DE FORTALEZA: PALAVRAS DE OPOSIÇÃO'	Neto, Aristides Braga	D
42. 2011/UFES	JORNAL O DIÁRIO: A CENSURA E O PAPEL DA PUBLICIDADE NOS ANOS DE CHUMBO (1968-1974)	Mazzei, Victor Reis	M
43. 2011/UFF	Nas margens: Experiência de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro (1880-1920).	Mendonça, Leandro Climaco Almeida de Melo	M
44. 2011/UFF	A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação - A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964.	Silva, Sônia Maria de Meneses	D
45. 2011/UFG	CASAS DE SONHO: A CULTURA DE MORAR NO BRASIL NAS PÁGINAS DE CASA E JARDIM, CASA CLÁUDIA E ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO.	Júnior, Rafael Alves Pinto	D
46. 2011/UFU	A revista e a propaganda: o projeto político-cultural do Estado Novo nas páginas da Ilustração Brasileira	Silva, Geanne Paula de Oliveira.	M
47. 2011/UNESP	A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)	FERRARI, DANILO WENSESLAU	M
48. 2012/UERJ	Guerra na Imprensa ou Imprensa de Guerra? Entre editores, fotógrafos e correspondentes de guerra: a imprensa brasileira nos campos de batalha da Guerra do Paraguai.	PAIVA, EDGLEY PEREIRA DE	M
49. 2012/UFF	Periodismo maçônico, política e cultura impressa na Corte Imperial brasileira (1871-1874)	Gonçalves, Thiago Werneck	M
50. 2012/UFF	O paraíso dos ladrões: Crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920)	Otoni, Ana Vasconcelos	D
51. 2012/UNESP	JOAQUIM INOJOSA E O JORNAL MEIO-DIA (1939-1942)	FRANZOLIN, JOÃO ARTHUR CÍCILIATO	M
52. 2013/UFF	O jornalismo luso-brasileiro em Londres (1808-1822). Um olhar hermenêutico	MUNARO, LUIS FRANCISCO	T
53. 2014/UDESC	Democracia, cidadania e construção de direitos nas narrativas das revistas VEJA e ISTO É (1974-1988)	SILVA, JULIANA MIRANDA DA	M
54. 2014/UFAM	Folhas da província: a imprensa amazonense durante o período imperial (1851-1889)	CALIRI, JORDANA COUTINHO	M
55. 2014/UFF	BOTA O RETRATO DO VELHO GETÚLIO OUTRA VEZ A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1950 NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO	COSTA, LUIS RICARDO ARAUJO DA.	M

56. 2014/UFGM	Sociabilidade Parlamentar em cena: Atores políticos, cotidiano e imprensa na cidade do Rio de Janeiro (1902-1930)'	OSTOS, NATASCHA STEFANIA CARVALHO DE	D
57. 2014/UFRGS	Homens do Prelo: um ensaio sobre culturas políticas e letradas no Brasil a partir da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Império e República)'	LOPES, RODRIGO EMANUEL PRESTES.	M
58. 2014/UNICAMP	Campinas n'A Onda: a revista inscreve a cidade na modernidade (1921-1924) ()	CORREA, LIVIA CRISTINA	M
59. 2015/PUCRS	“SOU, COMO SABEM...”: KARL VON KOSERITZ E A IMPRENSA EM PORTO ALEGRE NO SÉCULO XIX (1864-1890)	WEIZENMANN, TIAGO	D
60. 2015/UERJ	Caminhos na produção da notícia: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875 – 1891)	ARAUJO, RODRIGO CARDOSO SOARES DE	D
61. 2015/UFAM	Vozes Operárias: Os Tipógrafos e a Construção da Identidade Operária Amazonense (1891 a 1914)'	MOREIRA, CLAUDIA AMELIA MOTA.	M
62. 2015/UNESP	SEMANA ILUSTRADA, O MOLEQUE E O DR. SEMANA: imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado	PEREIRA, RENAN RIVABEN	M
63. 2015/UNICENTRO	DISCURSOS SOBRE IMIGRAÇÃO NO JORNAL FOLHA DO OESTE – GUARAPUAVA, PARANÁ (1946-1960)	SANTOS, RODRIGO DOS	M
64. 2015/USP	Os periódicos da Independência e suas geografias políticas: estudo do surgimento do Brasil independente e de sua inserção no contexto mundial (1808-1822)	LEVATI, EDU TROTA	M
65. 2016/FUPF	Drew Pearson: as percepções de um jornalista norte-americano no contexto da Guerra Fria (1950-1957)	PORTELA, LEONICE	M
66. 2016/Salgado de Oliveira	A GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO E OS MOMENTOS DECISIVOS (1888-1889)	VIDIPO, GEORGE LUIZ DE ABREU	M
67. 2016/UFPA	ENTRE BATALHAS E PAPÉIS: A CABANAGEM E A IMPRENSA BRASILEIRA NA MENORIDADE (1835-1840)	LIMA, LUCIANO DEMETRIUS BARBOSA.	D
68. 2016/UFPE	FELIPPE NERI COLLAÇO: um homem de cor, de letras e de números (1815-1894)	GALVAO, RAFAELLA VALENCA DE ANDRADE	M
69. 2016/UFPR	CRONISTAS ESPORTIVOS EM CAMPO: LETRAS, IMPRENSA E CULTURA NO JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)	COUTO, ANDRE ALEXANDRE GUIMARAES	D
70. 2016/UFRPE	Uma ilha sem mulheres: As relações de gênero nos suplementos literários da imprensa recifense em fins da década de 1920	AMARAL, TERCIO DE LIMA	M

Marialva Carlos Barbosa: Professor Titular de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor titular de jornalismo aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF), aonde foi professor de 1979 a 2010. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (1976), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1992) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1996). Foi Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), de abril de 2010 a janeiro de 2012. Possui pós-doutorado em comunicação(1999) pelo LAIOS-CNRS, Paris - França. Já foi Vice-Presidente da INTERCOM (2011-2014) e Diretora Científica (2009-2011) e Presidente da INTERCOM (2014-2017).

Artigo recebido para publicação em: outubro de 2017
Artigo aprovado para publicação em: dezembro de 2017

BARBOSA. Marialva Carlos. Comunicação: uma história do tempo passando. **Revista Transversos**. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”. Rio de Janeiro, n.º. 11, pp.98-118, Ano 04. dez. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.30932

